



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019
ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

EIXO TEMÁTICO 2: SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS
AS VOZES DOS ESTUDANTES NO ENEJA 2019: LUGAR IDENTIDADE E
RESISTÊNCIA

Romênia Barbosa de Carvalho¹

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

romeniabarbosa@gmail.com

Katia Simone Filardi Melo²

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

katiafilardi@yahoo.com.br

Antônio Amorim³

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

antonioamorim52@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa de abordagem qualitativa visa narrar as dificuldades existentes pelas trabalhadoras e trabalhadores, educandos da EJA- Educação de jovens e Adultos, na realidade dessa modalidade de ensino no Brasil, através da participação do ENEJA – Encontro Nacional da Educação de Jovens e Adultos - 2019. Especificamente este encontro teve, desde o início de sua organização, um caráter diferenciado, pois sua existência contou com um autofinanciamento e com a presença de educandos nas atividades e votações. Assim, surgiu uma questão de investigação: que elementos comuns trazem as vozes dos educandos/as brasileiros para a contribuição de uma prática reflexiva a partir dessa participação do ENEJA para as nossas realidades de resistência da EJA? O referido estudo teve como objetivo analisar as vozes dos educandos/as no ENEJA 2019, desafios, possibilidades e encontros. Os referenciais teóricos que sustentaram a presente pesquisa foram: Arroyo (2005,2017), Freire (2010) Rousseau (2010), que se referem às questões voltadas para o olhar sensível do público da EJA, formado por pessoas que vivem, ou melhor especificando, sobrevivem atualmente em condições precárias, em sua maioria são desempregadas ou subempregadas. A descrição da vida escolar dessas pessoas revela-se com inúmeras interrupções, sofrimento, abandono e exclusão social e econômica. Este caráter tão frágil e devastador resulta na negação do direito a educação e a vida digna, bem como, aponta a importância desta pesquisa em registrar as vozes dos trabalhadores e trabalhadoras, educandos e educandas da EJA, merecendo cada vez mais ser ouvida e escrita por pesquisadores.

Palavras-chave: Eja. Eneja. Educandos. Direito a educação.



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendemos refletir sobre a importância das vozes dos trabalhadores e trabalhadoras, educandos e educandas da EJA, nas escolas públicas do território Brasileiro na participação do ENEJA 2019, em meio à complexidade que vivemos neste cenário educacional brasileiro atual. É notório para todos nós, que existe uma fragilidade visível nesta educação ofertada, porém vivenciamos que esse lugar chamado: escola tem uma representatividade de esperança e possibilidades independentemente da idade cronológica dessas pessoas. Estar na escola em idade apropriada, em séries regulares, não é ainda uma realidade de muitos brasileiros e brasileiras, trabalhadores e trabalhadoras deste país. Essas pessoas não tiveram oportunidade de cursar e aprender os conhecimentos escolares em sua infância e mocidade, sendo grandes aprendizes da vida e do próprio destino. Em determinado momento, esses sujeitos com sonhos adormecidos e necessidades latentes, retornam para a escola na tentativa de iniciar ou dar continuidade aos estudos interrompidos na infância e adolescência, ingressando na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que de acordo com o artigo 37º da Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996 da LDBEN - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, “será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos do ensino fundamental e médio na idade própria”. Um exemplo dessas necessidades é o próprio mercado de trabalho, que exige escolarização para acesso e permanência. Porém quando retornam à escola encontram grandes desafios e realidades, passam a conviver com pessoas da sua idade, pessoas mais jovens ou de idade mais avançada. Essa adaptação leva um tempo, pois muitos não reconhecem o espaço escolar, devido a inúmeras frustrações, medo de não ter sucesso, cansaço de longas jornadas de trabalho e dificuldades de aprendizagens. O turno mais comumente ofertado à EJA é o noturno, o que se torna um desafio para alguns alunos que moram em lugares perigosos manterem a sua frequência diária. Dessa forma, percebemos a existência perversa de uma lógica excludente para essas pessoas, imposta por uma sociedade dominante deste país, o que nos alerta a importância do olhar sensível, diferenciado, acolhedor por parte das instituições de ensino e dos educadores como também de toda a sociedade. A escola precisa alinhar o ensino à realidade desses sujeitos e suas trajetórias de vida, bem como projetar os sonhos e desejos em ações concretas, reais. Além disso, faz-se necessário compreender a importância da relação entre a aprendizagem e as dificuldades encontradas pelos/as educandos/as da EJA, pois ser professor, hoje, é ser um profissional competente, para levar o aluno a aprender, é participar de decisões que envolvam o projeto da escola, lutar contra a exclusão social, relacionar-se com os alunos, com os colegas da instituição e com a comunidade do entorno desse espaço. (ENS, 2006, p. 19 apud RIBAS e SOARES, 2012, p. 5). Dessa forma, o presente estudo de abordagem qualitativa visa narrar as dificuldades existentes pelas trabalhadoras e trabalhadores, educandos da EJA- Educação de jovens e Adultos, na realidade dessa modalidade de ensino no Brasil, será uma reflexão importante para os educadores que tem lutado para que esta modalidade de ensino noturno exista como um direito assegurado nas leis e na realidade social e política do Brasil em uma perspectiva de resistência. Inicialmente foram analisadas por meio de uma entrevista semiestrutura as falas de cinco estudantes da EJA dos Estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Este trabalho problematiza: que elementos comuns trazem as vozes dos educandos/as brasileiros para a contribuição de uma prática reflexiva a partir dessa participação do ENEJA para as nossas realidades de resistência da EJA? A partir da participação popular dos estudantes em um movimento Nacional percebemos o quanto os direitos a educação



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

da pessoa jovem e adulta vêm sendo uma luta no que se refere a manter classes de EJA no Brasil, isso se configura por meio dos anseios e vontades da classe trabalhadora que luta por justiça social.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para análise deste estudo caracterizamos como abordagem qualitativa que segundo Ludke e André (1986), o estudo qualitativo se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. Consideramos os relatos dos educandos e educandas do ENEJA 2019, realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais no período de 18 a 22 de setembro deste ano recorrente. Neste contexto, observamos os ricos relatos dos educandos da EJA mediados por uma entrevista semiestrutura que segundo Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Numa análise livre dos relatos dos estudantes percebemos de maneira coletiva o retrato da EJA numa estrutura Nacional, que envolve realidade de vida e políticas públicas sociais para atender as pessoas jovens e adultas. A análise dos resultados foi de maneira descritiva por retratar uma realidade subjetiva das vivências dos estudantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sociedade é complexa em todos os sentidos e o homem é formado e criado nesse contexto, o seu desenvolvimento depende dos fatores sociais e culturais. Acredita-se que a educação é a via de transformação humana, pautando numa concepção defendida por Rousseau (2010), o homem nasce bom, e a sociedade o corrompe, não se trata de retornar uma vida primitiva, mas de buscar o verdadeiro sentido da sua natureza humana. Não há educação fora das sociedades humanas e não há mudança no homem fora da educação. A partir desse entendimento, percebeu-se na história de vida dos alunos da EJA aspectos determinantes de uma sociedade da exclusão, marginalização, da falta de humanidade e amor, alunos que retratam a radiografia da dor e reflexos vitimados pelo contexto familiar. Segundo Rousseau (2010), são características cruciais da relação do homem com a sociedade que o desenvolve de acordo o seu contexto vivencial, representam reflexos da sua realidade que desencadeiam na vida adulta. Dessa maneira, como pensar no desenvolvimento do ser humano que já nasceu em um ambiente, conturbado, de pais traficantes, condições econômicas baixas, vícios, desajustes familiares, adolescentes grávidas, familiares alcoólatras entre outras situações. Inicialmente, o pensar retorna a questão, o sujeito cresce vendo uma situação dessas, automaticamente é vítima coparticipante desse contexto em alguns casos conforme explicitado neste estudo. A esperança numa mudança ou transformação pode acontecer com a educação e grupos sociais aos quais pertencem. De acordo com Rousseau (2010), destaca-se: nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e do que precisamos quando grandes nos é dado pela educação. Partindo dos ideais de Rousseau, o homem precisa de ajuda do meio para se equilibrar e se desenvolver, e tudo se define pela educação que se apresenta de várias formas na vida do homem. A entrevista semiestruturada traz a essência das histórias de vida desses alunos da EJA, que foram marcados por uma trajetória familiar dolorosa e que carregam, por toda a vida,



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

os sintomas dessa educação informal. Na análise de Rousseau (2010) essa educação vem-nos da natureza, o desenvolvimento biológico como fator que acontece naturalmente no ser humano, enquanto que a relação do ser humano com o meio é a educação dos homens, fator determinante no comportamento do adulto de maneira positiva e negativa, e a educação das coisas são as experiências construídas na vida. Os relatos das vivências dos alunos da EJA exprimem a realidade cruel de uma educação que foi reproduzida pelos homens, conforme afirma Freire (2010 p.43) A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita e isso é o mais doloroso em nome de sua própria libertação. Observamos que durante os diálogos com os educandos da EJA alguns fatores como econômicos, familiares, foram determinantes no comportamento de conduta e ajustamento de vida desses sujeitos. Os quais exprimiram uma luta interna pela sua libertação e humanização, mas sentem-se presos e sem fé, desacreditaram na escola, enfim, vivem constantemente uma opressão que esmaga. O desafio maior em suas vidas é o de sair da condição de subordinados pelo sistema social e buscar uma libertação por meio do domínio da realidade e valorização da cultural. E para isso, precisam de um suporte cultural e autoajuda social por meio da escolarização. Assim, compreende Freire (2010) a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, ele vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. Dessa forma, acredita-se que as possibilidades de mudança e transformação desses alunos encontram-se no investimento da riqueza cultural e nos desafios de potencializá-los para os enfrentamentos de uma sociedade diversa que necessita de resistência para viver e ser feliz. Acreditamos que a escola é a via de condução dessa mudança, quando trabalha o desenvolvimento da autoestima e humanização. Considerando a afirmação de Freire (2010), os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens na sua vocação ontológica e história de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser homem. Neste entendimento, percebemos que durante os depoimentos dos educandos no ENEJA, estes retratam suas histórias de vida com vistas à recuperação de uma infância ou adolescência roubada. Ao analisar a contribuição de Freire não se pode perder o reconhecimento da sua história de vida enquanto espaço de libertação social. Os educandos relatam as fragilidades que o conduziram para voltarem até a escola, foram caminhos e descaminhos de busca incansável pela melhoria e ascensão no mercado de trabalho. “O direito popular ao conhecimento sempre teve na EJA um sentido político: contribuir nos ideais de emancipação e libertação, dar aos setores populares horizontes de humanização, dá-lhes o direito de escolher, de planejar seu destino” (ARROYO, 2005), este sentido político da emancipação do sujeito da EJA conduz à permanência e êxito de continuar a caminhada na escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ponto de partida para análise da importância do contexto da resistência no Brasil da Educação pública gratuita, laica, inclusiva de boa qualidade para os educandos da EJA, foram relatos orais apresentados no ENEJA-2019, em Belo Horizonte. Observamos que as principais dificuldades

encontradas, por meio das vozes dos sujeitos da EJA, foram: continuidade em estudar e o sentimento de que a EJA tem impactado e transformado suas vidas.

O primeiro destaque pelos educandos, em suas oratórias no ENEJA, diz respeito a sua própria história de vida e de seus colegas. Assim, percebemos que a fome, o abandono, a violência doméstica e social marcam suas memórias afetivas, independentemente das idades e das regiões brasileiras. O segundo fator destacado nessas vozes é a valorização da união, do cuidado com o outro colega para que ele não desista, embora as dificuldades sejam inúmeras, neste ponto percebemos o valor da presença do educador neste processo, como sujeito mediador para a superação desses obstáculos, mais do que ensinar os conteúdos escolares, mas como um mediador de vidas e de sonhos, como um grande articulador do processo de vida dos educandos e educandas da EJA. Outro destaque importante é a necessidade deste direito, a educação ser compreendida pela escola ao ofertá-la em outros turnos e horários. A escola deve abrir seus espaços, sua proposta pedagógica, inserir a EJA e não excluí-la, sendo um grande e maravilhoso local conciliador, educativo, levando a nossa percepção de como é valioso esse espaço da escola e do educador nesse contexto de conscientização, resistência, da denúncia para a sobrevivência; a existência desta Modalidade de Ensino da Educação Básica Brasileira como um direito a vida e a educação. Essa compreensão e sensibilidade determinam o caráter de anunciante e denunciante de todo educador comprometido com a educação libertária deste país. As vozes dos sujeitos da EJA precisam ecoar em todo Território Brasileiro, por meio de movimentos sociais que denunciem as injustiças sociais do direito da pessoa jovem e adulta em estudar. Durante a realização do ENEJA contou com a participação dos estudantes da EJA dos Estados Brasileiros, que por meio de roda de conversas, observamos posicionamentos que ecoam no Brasil pelo direito à escolarização e valorização social. Destacamos as opiniões de cinco estudantes da EJA, representação da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. Durante os diálogos com estes estudantes, eles enfatizaram as concepções que se tem a respeito da EJA, conforme descreve o quadro a seguir:

Quadro 01 - Posicionamentos dos estudantes da EJA

ESTUDANTES	SENTIDO DA EJA
Est, 01	A EJA é um direito de todos nós. Precisamos de apoio para continuar os estudos.
Est, 02	Precisamos ter força de vontade. Não podemos desistir dos nossos sonhos, nem dos nossos objetivos, precisamos entender que a EJA é um direito nosso e não deixar ninguém tirar nosso direito. Vamos em todos os Estados levantar a bandeira do estudo.
Est, 03	Enfrentamos uma árdua jornada de trabalho e riscos no deslocamento à noite para ir e vir da escola, sem a devida segurança, que nos traz muitas dificuldades e às vezes, impedem nossa permanência.
Est, 04	Gostaríamos de lembrar que a conscientização dos nossos direitos é fundamental para que os governantes deem a devida importância para a EJA. Pois, precisamos de maior investimento público, numa educação de melhor qualidade social, que proporcione passeios e eventos culturais, feiras de ciência, instalação de laboratório de informática, ampliação de projetos motivacionais, melhoria da merenda, dentre outras ações.
Est,05	Com a EJA temos a oportunidade de dar continuidade aos estudos e assim poder realizar os sonhos de nos formar com dignidade e ter uma profissão reconhecida para ajudar nossos familiares.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores, 2019.

Os posicionamentos dos estudantes da EJA reconhecem o direito à escolaridade e enfatizaram o desejo de continuar os estudos, também carregam, em si, sonhos e desejos da mudança de vida, quando a educação não é transformadora, o sonho do oprimido é ser o opressor (FREIRE, 1970). Caracterizamos como sujeitos da esperança que acreditam na mudança de vida por meio

da escolaridade. Assim, a realização do ENEJA com a participação dos estudantes da EJA ecoarem suas vozes desejos de direito e igualdade, um lugar um espaço para continuar os seus estudos na esperança de um futuro melhor. Os movimentos sociais possibilitam a interação e escuta dos estudantes, conforme descreve Arroyo (2017 p.177), os movimentos sociais recontam a história de nossa formação social, moral e cultural a partir do popular. Vivências classificadas como deformação nas concepções hegemônicas de cultura-educação. Seus coletivos sempre silenciados e ridicularizados: jecas [...]. Os movimentos sociais fortalecem a participação dos jovens e adultos em prol de expor seus anseios a partir das vivências populares, associam a realidade vivida na escola pelas suas histórias de vida. No processo de exclusão da EJA, os sujeitos coletivos são subordinados nas relações de poder, dominação, carregam nas suas experiências, oriundas dos movimentos sociais, a defesa dos grupos sociais, étnicos e raciais; trazem vivências de resistências e aprendizados. Observamos que durante os posicionamentos dos estudantes no ENEJA pontos comuns foram encontrados, tais como: o direito a educação, desejos, sonhos em continuar os seus estudos e os associaram à necessidade da conclusão do percurso escolar para conseguirem uma posição no mercado de trabalho. Conforme descreve o depoimento de um estudante da Bahia: “A EJA é uma fábrica sonhos na busca de grande objetivo para a vida. Através desta modalidade de ensino muitos conseguiram ser alfabetizados. É muito gratificante ter a oportunidade de voltar a estudar e sonhar depois de tanto tempo excluídos (as) da escola, aprendemos a ler e escrever, para além das letras e números vazios sem contexto e afetividade. É maravilhoso retornar para a sala de aula, mesmo que por muitas vezes, pensemos em não conseguiremos dar continuidade aos nossos sonhos. Mas na EJA, somos abraçados pela comunidade escolar, especialmente pelos professores que se dedicam, nos incentivam a continuar e nos fazem enxergar que somos capazes através do estudo, força e dedicação de alcançar nossos objetivos.” (EST. 05, 2019). Nos depoimentos dos sujeitos da EJA sobre suas vidas, alguns pontos foram relevantes como: alguns apresentaram desajustes familiares, pais separados, usuários de drogas, condições econômicas e situações e de subemprego ou desemprego. Esses fatores interferiam diretamente nos comportamentos e aprendizados dos referidos alunos, percebemos durante os relatos que os sujeitos destacaram o quanto a vida tem sido marcada por dor e que eles carregam esses reflexos no desenvolvimento enquanto pessoa. Enfatizaram que a escola mostra-se alheia a essas situações, porque a preocupação maior é apenas com o ensino e aprendizagem, sobre as situações do dia-dia desses alunos, a escola diz que não dá conta. Segundo Amorim (2007), A escola deve garantir apropriação da cultura local para a global na garantia da formação de uma consciência coletiva e individual, envolvendo o trabalho com os aspectos sociológicos em relação aos estudos dos fenômenos sociais. O outro aspecto importante a considerar é o que a psicologia social nos ensina com muita propriedade, que é através da vivência junto aos diferentes e complexos agrupamentos sociais que cada indivíduo se apropria do conhecimento total e da prática material, sendo uma das características mais marcantes do ser humano: o seu viver permanente junto à sociedade. A escola deveria propiciar uma abertura maior para cultura local, a partir da consciência coletiva e individual, como também trabalhar com aspectos relevantes às questões sociológicas, psicológicas do aluno, ajudando-os no seu desenvolvimento humano. Apropriar-se desta dimensão social na escolarização é entender o contexto vivencial destes alunos fora da escola e que interfere diretamente no desenvolvimento da aprendizagem. Em consequência disso, observamos a complexidade da escola nessas situações de vida dos alunos, é desafiante, pois nos faz refletir sobre nossa condição humana, sobre nossas práticas cotidianas, algo tão necessário e cada vez mais corriqueiro neste mundo líquido, nas palavras de Bauman (2004),



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

onde as relações, os encontros, os diálogos são cada vez mais superficiais e efêmeros. A escola precisa acolher os alunos, procurando entender as suas vivências, que muitas vezes não estão explícitas no currículo oficial. Sentir o reflexo social e cultural do aluno na escola é oportunizar situações que facilitam o diálogo e a escuta, os alunos são vítimas de um sistema corrupto e cruel da exclusão, o adulto fica o tempo todo procurando se ajustar enquanto ser humano. Ao indagar com os alunos da EJA acerca dos fatores que marcaram suas vidas, percebeu-se que muitos apresentam uma carência afetiva que gerou revolta interna em relação a família. A culpabilidade interna de destruição do próprio eu refletiu o sentimento de rejeição e inferioridade, a esperança se esvazia e procuram, no retorno à escola, um sentido para seus anseios e sonhos. No decorrer da escuta e diálogos com os estudantes da EJA, questionou-se acerca dos desafios enfrentados por eles para permanecerem estudando, os posicionamentos revelaram que: 60% estudam e trabalham ao mesmo tempo; 20% Enfrentam problemas familiares; 10% a escola não entende o aluno da EJA; 10% pensam em desistir. A análise destes posicionamentos evidencia que os estudantes da EJA dividem o desejo de crescer com a vida árdua do homem trabalhador. Conforme afirma Arroyo (2010), que outros sujeitos são esses? São aqueles que se formam na vida, se encontram com o trabalho e com suas pedagogias específicas, resistem e se afirmam ao longo da história. O autor retrata uma luta que carrega o estudante da EJA entre o ser, viver e, no meio do caminho, a esperança em um futuro melhor por meio da Educação. Durante os relatos dos estudantes foram apontados de maneira coletiva que os maiores problemas hoje na EJA foram: 80% fechamento de turmas; 20% evasão escolar. Caracterizamos como deficiências nas políticas públicas de direito da pessoa jovens e adultos. As categorias mais frequentes com que são vistos, sobretudo no pensamento sociopedagógico, têm sido: marginalizados, excluídos, desiguais, inconsciente. Formas de pensá-los e classificá-los que ocultam formas históricas mais abissais e sacrificiais de segregá-los (ARROYO, 2014). A EJA é um direito subjetivo do ser social e trabalhador, que potencializa sua vida na esperança. Ressaltamos a importância desta modalidade para o crescimento social de cada estudante da EJA, assim destacamos o seguinte posicionamento: gostaríamos de lembrar que a conscientização dos nossos direitos é fundamental para que os governantes deem a devida importância para a EJA. Pois precisamos de maior investimento público, numa educação de melhor qualidade social, que proporcione passeios e eventos culturais, feiras de ciência, instalação de laboratório de informática, ampliação de projetos motivacionais, melhoria da merenda, dentre outras ações. Para que possamos ter a possibilidade, se assim quisermos, de ingressar na Universidade. (EST, 2019). Corroborando com Freire (2010), é perceber os educandos oprimidos como sujeitos, desde crianças, de lutas pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, por sua afirmação como pessoas, como “seres para si. Observamos o desejo de mudança por meio da continuidade ao estudo. A experiência de itinerário do trabalho para EJA é uma luta pelo direito a uma vida justa, fazendo sentido suas passagens desde a infância até a fase adulta. Pode-se observar que, no final da noite, jovens e adultos nas paradas de ônibus se deslocando para a escola, este fato revela que a reafirmação desta escolaridade roubada é construída diariamente pela vontade e humanização de um sujeito que busca conciliar sua vida pessoal com a escola.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atual conjuntura, os sujeitos adultos que estão nas escolas são outros que emergem, outros docentes, outras práticas pedagógicas, faz-se necessário uma educação da sensibilidade na valorização da cultura e de suas subjetividades. Na educação de jovens e adultos, a partir da efetiva participação popular, pode-se verificar que os movimentos sociais coletivos propagam processos históricos de humanização-emancipação, contrapondo a desumanização - subordinação. Dessa maneira a pedagogia da humanização contrapõe a pedagogia da desumanização e subordinação, entrelaçam tensões entre as duas pedagogias de dominação e subalternização e de resistência no sentido de compreender que o sujeito da educação é o principal agente dessa condução. Nessa pesquisa, o objetivo foi analisar as vozes dos educandos e educandas da EJA que estiveram no ENEJA 2019 em Belo Horizonte – Minas Gerais, no período de 18 a 22 de setembro deste corrente ano, no espaço da resistência do direito à educação pública neste país no contexto atual. Ao analisarmos os relatos dos educandos e educandas percebemos que a história de vida desses sujeitos da EJA está pautada na negação de direitos essenciais à vida digna dos trabalhadores e trabalhadoras deste país. Traduziram neste encontro do ENEJA, as vozes do homem trabalhador que tiveram seus direitos abortados na infância ou até mesmo na juventude e que hoje procuram sentidos para continuar na escola, contagiados pela esperança de chegar até a Faculdade. Percebemos a grandeza dos estudantes ao falar das suas trajetórias de vidas, como também a superação das marcas tristes na infância, e hoje o desejo de vencer, relacionando com a vontade de ingressarem no mercado de trabalho marcado pelo reconhecimento social. Ressaltamos a importância dos educandos no movimento Nacional de EJA, as vozes ecoaram em prol de lugar e reconhecimento da identidade política e social. Na condição de sujeitos de direitos, a representação no evento enalteceu a alegria e a vontade de crescer, muitos relataram o desejo de ir para a faculdade, porém precisam de apoio político e econômicos para continuar. A EJA será sempre um campo de luta, resistência e libertação. A educação de jovens e adultos – EJA no Brasil é marcada por uma relação histórica de desigualdade, exclusão e por programas e políticas públicas ineficientes para atender as especificidades desta modalidade de ensino e efetivamente garantir o direito a uma educação permanente de qualidade para todos. O caráter de desvalorização do jovem e adultos demarca uma trajetória histórica que se perpetua até os dias atuais. Essa modalidade de ensino costuma ser carregada de tensões, ambiguidades e complexidade, por isto requer definições e posicionamentos claros para além de uma proposição escrita e anunciada nos documentos orientadores e na organização dos sistemas Federal, Estadual e Municipal de Educação. A presença de outros sujeitos coletivos concretos, históricos, as classes sociais e os grupos subalternizados, os oprimidos pelas diferentes formas econômicas, política e cultural. No processo de exclusão da EJA, os sujeitos coletivos são subordinados nas relações de poder, dominação, carregam nas suas experiências oriundas dos movimentos sociais a defesa dos grupos sociais, étnicos, raciais e trazem vivências de resistências e aprendizados. O sujeito inconcluso vive na sua busca constante em prol da sua humanização ou desumanização dentro da sua história, num contexto real, concreto nas possibilidades da sua própria vivência. Na diversidade encontramos outros sujeitos e outras pedagogias, são aqueles que se formam na vida, nas ações coletivas de organizações populares, de trabalhadores da educação, da saúde, dos campos e periferias. E nesse contexto se inserem os jovens e adultos, numa busca constante pelos direitos que foram negados desde sua história de vida.



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019
ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

REFERÊNCIAS

AMORIM, Antônio. **Escola: uma instituição social complexa e plural**. São Paulo: Viena, 2007.

ARROYO, M. G. **Balanço da EJA: o que mudou nos modos vida dos jovens adultos populares?** Revista de Educação de Jovens e Adultos, V. I; 2007. Disponível em: Acesso em 15 de agosto de 2017.

_____, M. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____, M. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública**. In: SOARES, L., GIOVANETTI, M.A., GOMES, N.L. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAUMAN, J (2004). **Modernidade líquida**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9.394/96**. Rio de Janeiro: 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p 36-37.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

RIBAS, Marcele Stiegler; SOARES, Solange Toldo. Formação de Professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente. In: Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul ANPED SUL. Caxias do Sul - RS: Universidade de Caxias do Sul, 2012, P. 01-16. Disponível em: http://WWW.portalanpedsul.com.br2012/home.php?link=&ação=buscar_trabalhos.



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

Autor 1

Mestra do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos UNEB- Campus I, Coordenadora pedagógica do município Barreiras-BA. Gestão, organização, tecnologia e políticas públicas na educação básica da Bahia.

Autor 2

Coordenadora da Educação de Jovens e Adultos. Estuda Gestão, organização, tecnologia e políticas públicas na educação básica da Bahia.

Autor 3

Pós- Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia. Professor Titular Pleno da Universidade do Estado da Bahia, Campus I. Gestão, organização, tecnologia e políticas públicas na educação básica da Bahia.4